

*Ann.
Quilombos*

Thais Zimbwe*

Resistência e cultura em Valença

Preservar a memória é uma das maneiras de construir a história. Com esse objetivo, a comunidade quilombola São José da Serra realiza todos os anos a Festa de Jongo, para comemorar o Dia dos Pretos Velhos e a abolição da escravatura. No dia 14 de maio deste ano, cerca de 600 pessoas puderam conhecer a cultura e as tradições africanas preservadas numa comunidade quilombola.

O quilombo São José da Serra, localizado na cidade de Valença, no interior do estado do Rio de Janeiro, existe há cerca de 150 anos e é composto por aproximadamente 200 negros e negras. A comunidade é referência pela preservação das tradições africanas mantidas por moradores(as) e pela divulgação de seus patrimônios culturais, tais como a umbanda e o jongo. A comunidade recebeu, este ano, a medalha estadual de direitos humanos Austregésilo, de Athayde, pela importância do trabalho social e cultural local.

"Foi muito importante para nós recebermos essa medalha. Nós aqui da comunidade procuramos manter nossas tradições vivas, podendo mostrá-las e ensiná-las para quem vem nos conhecer. Em dias de festa, procuramos dançar melhor o nosso jongo, cantar melhor as nossas cantigas, para que todas as pessoas saiam daqui melhores do que entraram", comenta Toninho Canecão, presidente da Associação de Moradores do Quilombo São José da Serra.

"Eu vou tocar minha viola, eu sou negro cantador. O negro canta, deita e rola lá na senzala do senhor. Tem que acabar com essa história de negro ser inferior, o negro é gente como o outro, quer dançar samba e ser doutor. O negro mora em palafita, não é culpa dele, não, senhor. A culpa é da Abolição, que veio e não o libertou", diz a letra da cantiga cantada na missa afro que abriu a Festa de Jongo.

Para festejar o Dia dos Pretos Velhos, divindades cultuadas pelas religiões de matrizes africanas, moradores e moradoras realizam anualmente a Festa de Jongo, quando são praticadas diversas manifestações culturais africanas, preservadas no quilombo desde a época da escravidão. Uma missa afro, na qual se mescla o catolicismo com a umbanda, abriu a festa, e todo o público pôde participar da celebração. "É muito bonita toda essa festa, nunca pensei que a cultura africana fosse tão forte e bem representada, como estou vendo aqui no quilombo. Sou presença garantida ano que vem", afirma Amélia Santtana, que foi para a festa numa excursão de São Paulo.

A folia de reis, a marujada, o calango, a capoeira, o jongo, entre diversas outras manifestações culturais, puderam ser conferidas pelo público nos dois dias de festa no quilombo. As pessoas que lá compareceram conheceram também o trabalho de agricultura de subsistência, a crença religiosa, o artesanato tradicional, as casas construídas de

adobe (tijolo de barro) e cobertas de sapê, o ferro à brasa e o fogão à lenha, que fazem parte do cotidiano dos(as) moradores(as) do quilombo desde a chegada de seus antepassados, por volta de 1850.

Dona Joanna, uma das moradoras mais antigas, nunca saiu da comunidade. "Não preciso ir até a cidade, tudo que preciso tenho aqui e está tudo muito bom. Os jovens que sentem vontade de ir lá para fora a todo tempo querem aprender outras coisas, estudar e trabalhar", diz.

Protagonismo juvenil

No quilombo São José da Serra, a juventude tem papel importante, pois é responsável por grande parte das tarefas dentro da comunidade. Como acontece na liturgia, a maioria dos(as) integrantes é composta de mulheres jovens. Elas organizam as celebrações religiosas, regem as missas afros, entre outras atividades.

"Temos que nos preocupar com nosso futuro, e o futuro da comunidade será definido pelo nosso comportamento. Amamos nossa cultura e temos a obrigação de preservá-la para que não morra ou seja absorvida pela modernidade. É complicado para nós, jovens, que temos acesso às informações do mundo lá fora, não nos influenciarmos pelas outras coisas, mas mesmo assim temos que trabalhar na cultura, plantar e fazer nosso artesanato, cantar nossas músicas e tocar o atabaque. Dessa maneira, a cultura do quilombo não acabará", explica Maria de Lourdes, de 24 anos, uma das integrantes da liturgia do quilombo.

Uma das manifestações mais características do quilombo São José é o jongo, considerado um dos mais tradicionais do Brasil. Ele permanece intacto desde os tempos do Brasil colonial, já teve suas cantigas gravadas em CD e sua história contada em livro. O CD-livro *Jongo do Quilombo São José* foi gravado em outubro de 2004, registrando a música, a história e a cultura do jongo local.

* Thais Zimbwe

Formanda de Jornalismo pela Centro Universitário da Cidade, estagiária de Comunicação do Ibase. Correspondente do Portal Mundo Negro e colunista dos sites Hip Hop BR, Epidemia Urbana e do Afro Reggae

thaisd@ibase.br



Durante a missa, alimentos como aipim e fubá são ofertados ao público e abençoados durante a celebração

O jongo é uma dança trazida da África pelos escravos e escravas. Também conhecido como caxambu, foi uma das poucas possibilidades de diversão e manifestação religiosa dos(as) escravos(as), reunindo canto e dança em uma grande festividade. "Dançar e cantar o jongo é preservar a cultura de nossos antepassados, posso tocar uma noite inteira, sempre fico muito feliz e agradecido de ter herdado essa dança e poder passá-la para meus filhos e todos os que querem aprender", expressa Jorge, ao lado de seu atabaque, antes de iniciar uma roda de jongo.

Em todo o estado do Rio de Janeiro, existem 14 comunidades remanescentes de quilombos, nas quais vivem cerca de 770 famílias. No caso do quilombo São José da Serra, os(as) negros(as), após a libertação, permaneceram na fazenda, constituindo sua comunidade.

O quilombo de Valença não tem a característica de um sítio de escravos(as) fugitivos(as). Ele ocupa duas áreas demarcadas, num total de 25 hectares. A comunidade foi reconhecida há seis anos como remanescente de quilombo, abrindo caminho para a titulação de suas terras. Entretanto, esse processo é bastante lento e ainda não está concluído, acarretando sérios problemas.

"A demora das autoridades em resolver a questão sobre a desapropriação das terras que nos pertencem dificulta muito nossa sobrevivência. As cercas espalhadas ao nosso redor furam as bolas quando jogamos futebol e são um perigo para nossas crianças. Elas impedem o plantio dos nossos alimentos, dificultando muito nosso dia-a-dia", desabafa Toninho.

Motivados pela forte identidade cultural, a comunidade do quilombo São José da Serra consegue se manter como uma das mais belas do país, sendo um relato vivo da história de negros e negras no Brasil.

Pretos velhos

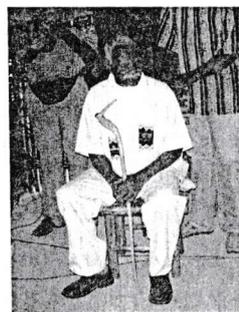
A comemoração em homenagem aos pretos velhos ocorre no dia 13 de maio, data em que foi assinada a Lei Áurea, razão pela qual a umbanda comemora esse dia. Os pretos velhos são considerados guias ou protetores somente pelos(as) umbandistas, seguidores(as) da umbanda, religião de matriz africana cultuada no Brasil. Representam todos os espíritos de humildade, de serenidade e de paciência, que, como escravos, chegaram ao Brasil, para onde foram trazidos negros e negras de todas as nações africanas, reis, rainhas, príncipes, além de religiosos(as) de várias culturas.

Essas divindades são originárias dos(as) escravos(as) no cativeiro, que eram submetidos(as) a condições desumanas e implacáveis de trabalho forçado e a torturas. A vida sofrida nas senzalas, onde somente mais fortes sobreviviam, reservava-lhes, entre tantas humilhações, comer os restos de comida dos senhores. Esse fator originou a feijoada, um prato da culinária bastante apreciado hoje.

Apesar de tudo, esses povos renegados pela sorte trouxeram em seus espíritos a ciência e a sabedoria de ancestrais, empregando seus dotes no uso das ervas, plantas, raízes e tudo o mais que estava disponível na natureza.

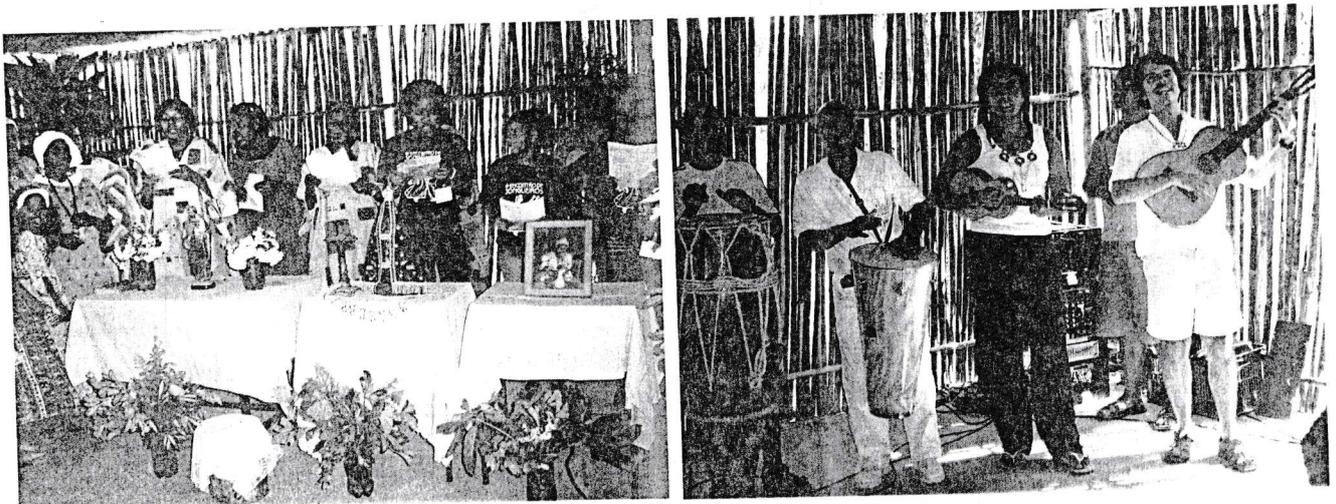
Depois de mortos(as), passaram a surgir em lugares adequados, principalmente para se manifestarem. Esses espíritos se comprometiam com a alta espiritualidade a ajudar todas as pessoas necessitadas, independentemente de cor ou credo.

No dia 13 de maio, os(as) adeptos(as) da umbanda comem feijoada com as mãos, como uma forma de reverenciar os pretos velhos. ■





A Festa no Quilombo São José teve a apresentação da Folia de Reis, uma manifestação cultural de origem portuguesa que ainda sobrevive em cidadezinhas brasileiras



A missa afro do Quilombo São José é liderada pela juventude. A celebração é animada com cantigas ao som de atabaques, violão e cavaquinho